

O MEDITERRÂNEO ANTIGO E O NORTE DA ÁFRICA



Entrevista nos estúdios da UNIFESP em 28 de Agosto de 2018: à esquerda, Professor Julio Cesar Magalhães de Oliveira (USP); no meio, Professora Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos (USP); à direita, Professora Gilberto da Silva Francisco (UNIFESP)

hiperlink para a entrevista: <https://youtu.be/z4sEmbnjC1M>

Heródoto (Gilberto da Silva Francisco): Olá, meu nome é Gilberto da Silva Francisco, sou professor de História Antiga do Departamento de História da escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP) e sou editor da revista Heródoto; uma revista que tem como escopo temático o mundo clássico e suas conexões afro-asiáticas. E hoje, nós vamos discutir um pouco dessa interface entre História Antiga e o espaço do Norte da África, com dois colegas: a professora Maria Cristina Nicolau Kormikiari Passos, que é docente do Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade de São Paulo (MAE-USP), pesquisadora do Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga (LABECA); e o professor Júlio César Magalhães de Oliveira que é docente do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (FFLCH-USP) e coordenador do grupo Subalternos e Práticas Populares na Antiguidade, um grupo do CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico).

Para começar essa discussão sobre o lugar da África na História Antiga, eu gostaria que vocês apresentassem um pouco a pesquisa de vocês e seus laboratórios; e como suas pesquisas inserem-se nesse debate sobre a África¹.

Maria Cristina Nicolau Kormikiari: Bem, as minhas pesquisas com relação ao Norte da África são relacionadas a dois movimentos: um primeiro dentro do MAE-USP, onde, além de ser professora atualmente, fui também aluna. Desenvolvi minha pós-graduação no MAE-USP, e ali eu trabalhei com moedas, com a Numismática norte africana no mestrado e no doutorado. Ou seja, minha entrada no mundo da pesquisa e no mundo norte africano foi a partir do estudo das moedas, pesquisa numismática. Foi, primeiro, estudando a circulação das moedas cartaginesas; e, depois, estudando as moedas dos reinos númida e mouro, do Norte da África, os reinos indígenas autóctones nortes africanos.

Esse foi um primeiro movimento, e, justamente, o estudo das moedas e o estudo da circulação das cunhagens pela bacia do Mediterrâneo levou-me a um grande interesse sobre o estudo do espaço; a ocupação dessas sociedades no espaço. Algo que foi ocorrendo em paralelo à formação do LABECA (Laboratório de Estudos sobre a Cidade Antiga), um laboratório voltado ao estudo do espaço das ocupações humanas na Antiguidade. A intenção do laboratório é entender a organização social, política, religiosa, etc das sociedades antigas a partir da disposição delas no espaço.

Obviamente, é um laboratório de Arqueologia; então, estuda-se as cidades, a urbanização, toda ocupação diferenciada do meio ambiente, não só o formato da cidade. Trata-se de um laboratório bastante voltado para a sociedade grega, mas a minha parte é justamente esse campo onde eu havia iniciado, o Norte da África e o Mediterrâneo Ocidental, relacionado aos fenícios e os povos indígenas dessas localidades. Então, esses são os dois desenvolvimentos de minhas pesquisas, a primeira parte relacionada às cunhagens das moedas e depois ao estudo da disposição espacial dos grupos humanos no Norte da África, de maneira a tentar apreender mais sobre a própria organização da sociedade.

¹ A equipe de alunos responsável pela transcrição e revisão desta entrevista foi composta por Alícia Vieira Lima, Beatriz Luedemann Campos, Bianca Jaqueline de Moraes Vicente, Daniela Fernandes Cruz, Fabio Henrique Oliveira Rodrigues da Silva, Frederico de Oliveira Foini, Danilo Gonçalves, Erik de Lima Correia, Jemima Novaes, Kelly Delmond e Monique Monteiro. Os trabalhos de transcrição e revisão da entrevista foram coordenados pelo professor Gilberto da Silva Francisco.

Heródoto: Professor Júlio Cesar

Júlio Cesar Magalhaes de Oliveira: Bem, meu interesse pelo Norte da África remonta à minha iniciação científica. Comecei a estudar, na Universidade de Campinas, a pobreza a partir da obra de Santo Agostinho. Santo Agostinho é um africano, viveu a maior parte do tempo no Norte na África. Meu interesse era estudar a sociedade do Norte da África no século IV e no século V. Esse projeto de iniciação científica resultou depois numa dissertação de mestrado, na qual comecei a me interessar, para além da pobreza, pelas formas de ação coletiva, formas de mobilização popular. De início, no caso do mestrado, muito mais no contexto das lutas entre católicos ou cecilianistas e donatistas, dois grupos de cristãos que se dividem no Norte da África. E, o doutorado, que fiz na Universidade de Paris X, em Nanterre, na França, foi sobre as formas de participação popular e de ação coletiva, na cidade do Norte da África, nos séculos IV e V.

Nesse contexto, eu fui além de Agostinho, embora ainda continuasse a ser minha principal fonte, mas também integrando um pouco da Arqueologia do Norte da África, uma vez que me interessava pensar as formas de ação coletiva, de mobilização; se elas resultavam em práticas do cotidiano de sociabilidade, relações que estabelecem as pessoas comuns no dia-a-dia. Para isso, foi importante entender em que contexto as pessoas vivem, especialmente os bairros artesanais, os lugares de sociabilidade nas cidades do Norte da África. Então, um trabalho que lidou tanto com fontes textuais (sermões, cartas de Agostinho, documentos, processos que nós conhecemos do Norte da África nos séculos IV e V) especialmente ligadas a esse conflito entre cristãos, mas não só. A documentação arqueológica, a partir dos relatórios de escavação de bairros artesanais, lugares de sociabilidade, permitia entender um pouco mais esse contexto mais amplo da vida plebeia.

Nos últimos anos, parte derivada desse trabalho de que resultou o doutorado e também o meu livro, um dos aspectos que me chamou atenção, ao estudar como as pessoas se mobilizam, como as formas de mobilização estão relacionados com o cotidiano, foi entender como as pessoas se comunicam; daí, meu interesse por entender a comunicação informal. O projeto mais recente tem a proposta de tratar especialmente do boato, da comunicação informal: o boato, a fofoca, e a relação disso com a política. Uma proposta de entender, em uma abordagem comparada, dois momentos (o final da república e a antiguidade tardia), que são momentos de mobilização popular, nos quais as lideranças dedicam uma atenção particular ao que as pessoas falam, como conversam. Nesse sentido, é um trabalho que vai além do Norte da África, mas eu continuo me interessando especialmente por essa documentação africana, que é particularmente rica, especialmente a obra de Agostinho de Hipona, é o que continuo fazendo na atualidade.

Isso se vincula ao grupo de pesquisas que eu coordeno. Somos de várias universidades do país e também do exterior, voltados ao estudo dos grupos subalternos e das formas de práticas populares. Essa é uma pesquisa que está diretamente ligada a isso, e outras pesquisas desse grupo também se relacionam a essas temáticas relacionadas a grupos populares, aos subalternos e etc. Mais à frente, podemos falar um pouco mais. Há vários outros colegas e alunos meus que trabalham nesse grupo com o Norte da África, desenvolvendo pesquisas dentro dessas temáticas ligadas aos grupos populares, as práticas populares, aos subalternos em geral.

Heródoto: Sobre a periodização, pelo que eu percebi, a professora Maria Cristina trabalha mais com periodização, o Arcaico e o Clássico.

Kormikiari: Posterior. Se considerarmos as cunhagens, a cartaginesa inicia-se no finalzinho do século V a.C.; então, já entrando no Clássico, e mais fortemente no Período Helenístico. E a cunhagem nômada e moura dos indígenas norte-africanos, ela se inicia também no finalzinho do III a.C., pegando o Período Helenístico. Mas, é importante ressaltar que a adoção da cunhagem é fruto do contato entre povos, um campo de estudo muito forte, para mim, e que se espalha pelos meus alunos também. É o terceiro projeto que a gente tem no LABECA, que foi formado a partir de dois grandes projetos temáticos financiados pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo).

Primeiro a gente começou estudando o núcleo urbano mais preciso, os centros das cidades antigas no Período Arcaico até o Helenístico; e, em um segundo projeto temático, expandimos essa pesquisa para as áreas rurais, entre aspas, porque há todo o conceito de não-independência dessas áreas na Antiguidade, um entrelaçamento muito forte. E isso se aplica, no meu entender, ao mundo antigo como um todo. Então, expandimos os estudos de caso, as discussões teóricas, nesse segundo projeto temático; e, agora, o terceiro projeto que não é temático, mas um projeto de pesquisa e que está voltado para as áreas de fronteira, de contato. O LABECA já tem mais de dez anos; então, é um laboratório que está bastante consolidado, com equipamento e produtos desenvolvidos (publicações; material audiovisual, etc.). Muitos alunos e pesquisadores já passaram pelas nossas portas. E é com muito orgulho que eu falo isso. Então, a gente vem se dedicando com mais cuidado à questão do contato atualmente.

Heródoto: Uma questão para ambos: considerando o que vocês já falaram sobre os laboratórios e o interesse da pesquisa em específico, queria saber um pouco da formação nesses laboratórios e as orientações que vocês vêm fazendo.

Existem alunos que estão interessados por este tema do Norte da África e sua integração com o Mediterrâneo?

Kormikiari: Especificamente, com o Norte da África, quem trabalha sou eu. De fato, eu trabalhei no meu doutorado e no meu pós-doutorado com esses grupos indígenas, em um centro muito importante de pesquisas norte-africanas, o Centro Camille Jullian de Aix-en-Provence, onde eu tive também a felicidade de poder estagiar durante o meu pós-doutorado, trabalhando com esses grupos indígenas. Só que eu voltei, depois, um pouco para a minha primeira raiz, a do mestrado, onde eu pesquisei sobre os púnicos, os fenícios, nesse Ocidente do Mediterrâneo.

Então, como o Júlio também colocou, acabou-se abrindo um pouco o leque, e pegando o Ocidente do Mediterrâneo. Eu tenho vários alunos trabalhando com esse Ocidente do Mediterrâneo, com os contatos, com a questão do contato e a disposição e organização das cidades. Pelo LABECA, já passaram quase cem alunos, aproximadamente oitenta, sem exagerar, entre mestrados, doutorados, pós-doutorados, e iniciações científicas. E são sempre estudos de casos que, na verdade, pegam toda a bacia do Mediterrâneo.

Oliveira: No meu caso, meu grupo de pesquisa, ao contrário da LABECA, é bastante novo. E quanto às atividades, nós as estamos desenvolvendo há dois anos, e ainda não tem a forma de laboratório propriamente, mas um núcleo de pesquisas. Mas, quanto à experiência de orientação, eu posso dizer que eu tenho, sim, vários alunos que se interessam pelo Norte da África, especialmente na Antiguidade Tardia, que é a área que me interessa. Eu tenho alunos que trabalham desde a iniciação científica até o doutorado, interessados tanto pela cidade do Norte da África, as transformações urbanas pelas quais essa cidade passa do século IV ao VIII (uma longa duração), nesse período que nós chamamos da Antiguidade Tardia. Transformações tanto na paisagem urbana como nas percepções sensoriais.

Tem um aluno no doutorado que trabalha sobre as percepções sensoriais, como se transformam ao longo desses séculos na paisagem urbana, como isso afeta os sentidos. E até outros, um aluno de doutorado também trabalha com os conflitos religiosos aos quais eu me referi, pensando no processo de demonização dos adversários, que é particularmente importante nesse conflito do Norte da África, são duas igrejas muito bem implantadas, dezenas, centenas de bispos em todas as cidades africanas e muito presentes, e de igual peso; então, um processo de disputa, e que envolve este processo de demonização do adversário.

Até mesmo para a África vândala, um aluno de doutorado desenvolve um projeto de pesquisa sobre o exílio, os exilados no contexto dessas disputas

entre arianos e católicos, no contexto da África vândala; e que também, de certo modo, toca na questão dos contatos com o Mediterrâneo, porque o exílio por si só implica nesse deslocamento para outros lugares, e os contatos que ainda permanecem entre diferentes regiões do Mediterrâneo com o Norte da África. Então, a impressão que eu tenho é que há sim o interesse pelo Norte da África, por diversas razões, entre elas, a possibilidade de estudar uma evolução urbana ao longo de muito tempo, uma riqueza arqueológica na região, ou também pelas fontes textuais que são particularmente ricas, pelo menos para este período de estudo, que me interessa, que é o da Antiguidade Tardia.

Heródoto: Ainda pensando nessa dinâmica da pesquisa e também nas narrativas sobre esse mundo clássico, queria que vocês falassem um pouco das especificidades do estudo do Norte da África na História Antiga. Se é diferente estudar o Norte da África na História Antiga, e pensar também algumas dinâmicas históricas específicas desses lugares. Existiam especificidades, dinâmicas locais, que destoavam do resto do Mediterrâneo?

Oliveira: Parece-me que o Norte da África sempre esteve presente na História Antiga. E estudar os púnicos, os cartagineses e a relação com Roma, ou estudar a própria conquista do Norte da África, sempre esteve presente nas narrativas sobre a História Antiga, e o interesse dos pesquisadores pela História Antiga. É uma questão que sempre esteve presente e, portanto, parte dessa dinâmica mesmo do Mediterrâneo. Mas, há também particularidades no Norte da África.

Um autor que trabalha com o Norte da África, o Brent Shaw, ele chega a dizer que a África tem um aspecto que nós podemos definir com a insularidade. Aliás, a própria definição de Magreb para os árabes, que conquistam o Norte da África, era a ilha do Ocidente. E, de certo modo, tem uma insularidade que é dada por essas fronteiras do deserto, do mar, que as tornam fisicamente distintas. Estamos falando aqui do Norte da África, excluindo o Egito. Nesse sentido, o Magreb, que vai desde o deserto oriental do Egito até o Atlântico, e do Mediterrâneo até o início do Saara. Nessa região, em específico, que sentido tem a insularidade para o Brent Shaw? Ela tem uma resistência inicial a acolher inovações, mas quando acolhe, ela acolhe de uma maneira ainda muito mais persistente e duradoura do que em outras regiões.

O exemplo do cristianismo é um caso como esse. A presença do cristianismo não é tão recente como é na Itália, nós a conhecemos a partir do final do século II. No entanto, o cristianismo africano se implanta de uma tal maneira, tem uma presença tão grande, que mesmo no campo, no Norte da África, há uma presença importante do cristianismo no século IV, no século V; há uma

multiplicação de igrejas nesse período, muito mais precoce do que, por exemplo, na Península Ibérica, na Gália e nas regiões da Europa. E esse cristianismo vai ter uma importância crucial na formação do cristianismo africano e do cristianismo latino; mas, vamos pensar em outras dinâmicas de toda a história do Magreb. Então, acho que essa é uma das características que talvez possamos pensar como particularidade do que é esse Norte da África.

Kormikiari: Enquanto o Júlio estava falando, eu estava pensando. Interessante essa questão muito forte do termo Magreb, essa ideia da ilha. Eu coloco isso nos meus artigos, porque acho que marca uma singularidade. Mas, ao mesmo tempo, que tem os dois isolamentos, essas duas barreiras físicas, se observamos desde o Neolítico, desde 10.000, 8.000 a.C., a composição dessa região e seu desenvolvimento, tem uma ligação muito forte com o Oriente e com a Península Ibérica, com a Sicília, então o Mediterrâneo central, e também o Mediterrâneo ocidental.

Quer dizer, a própria ideia de uma população pré-histórica que teria sido a base populacional de formação dos grupos indígenas posteriores, tendo vindo em levas ao longo de períodos bastante estendidos de tempo, mas vindo em levas do Oriente e ocupando ali, os chamados “capisienses”, ocupando depois toda essa região do Magreb e que vão cruzar com uma população já existente. Mas são eles que vão prevalecer. Um pouco nos moldes que a Paleontologia tem mostrado cada vez mais, hoje em dia, dos últimos 15 anos para cá, na questão dos contatos entre o *Homo Sapiens* e os Neandertais. Agora a grande novidade foi encontrar recentemente, nas notícias, um espécime, os ossinhos, a partir dos quais foram feitos estudos de DNA, comprovando de fato o “casamento” entre Neandertais e Denisovanos. Então, é o fato, a gente vê isso no Norte da África.

Enfim, essa ligação com o Oriente muito forte que começa lá trás e vai permanecer depois com a ocupação fenícia. Esse Magreb, ele é fenício também. Você tem uma sobreposição e um misturar de uma faixa, camada cultural e societal e de intercâmbio, mesmo humano, uma mistura dos fenícios que vão ocupar toda a faixa litorânea, saindo ali da Líbia até as ilhas próximas já na margem atlântica do Marrocos. Nesse sentido, o que eu quero colocar, pensando a História Antiga, é o seguinte problema: a formação da História Antiga no nosso mundo Ocidental, da chamada Arqueologia Clássica, onde prevalecia os estudos gregos e os estudos romanos.

Então, há os interesses sobre os outros povos, interesses marginais. Esses povos eram colocados como marginais e o interesse sobre eles também, ocorriam de uma maneira um tanto marginal. Então, o Norte da África, para os períodos que eu estudo mais, e os períodos mais recuados, e mesmo até o período helenístico, ele sofreu duplamente com essa marginalização, pelo fato

dos próprios povos que ocuparam, que compuseram o tecido social e popular, da população, o tecido humano dessa região até o período romano, ser marginal, vamos dizer assim.

Esses fenícios, compondo-se com habitantes indígenas, e essa marginalidade na História Antiga, que estava mais interessada em gregos e romanos, e o fato de ser o Norte da África. Então, foi um local que, a partir do século VIII, foi islamizado, destacou-se do resto da Europa. Depois, do século XIX para o XX, houve uma reocupação europeia, colonial dessa região, mas ela continuou marginalizada. Quer dizer, dali do século VIII e IX até o século XIX, estava bem à margem do que acontecia no resto da Europa. Do XIX para o XX, houve essa ação europeia violenta sobre esses países. Mas, com a saída deles, com a expulsão deles, foram quatro grandes movimentos de emancipação, da Líbia, da Tunísia, da Argélia e do Marrocos. Essa marginalização está sempre presente, fisicamente também em relação à academia europeia, os centros de pesquisas europeus, então, eu diria que são duas marginalizações.

Heródoto: Justamente quanto a isso que me veio a questão da especificidade do estudo; porque, parece-me que esse lugar está colocado em uma dinâmica que é hierárquica; então, são vetores de ação dos gregos chegando, dos romanos chegando e nunca uma forma diferente de observar o processo (essa forma só aparece recentemente). Mas, também, uma especificidade de trabalho do arqueólogo, do historiador, neste lugar, considerando todo esse movimento de imperialismo, descolonização, de islamização, terrorismo e tudo isso acaba influenciando muito que essa dinâmica dos estudos sobre esse lugar.

Oliveira: Acho que, a esse respeito, pensando não no que seria a África na antiguidade, mas no estudo da África, acho que a Cristina tem razão ao mencionar esse histórico. Eu diria que, em primeiro lugar, o interesse pelo estudo dessa região, ele surge da parte dos europeus, em primeiro lugar, em um contexto de conquistas dessa região. Então, o interesse de apropriar-se dessa história como parte da história europeia. Os primeiros, os franceses, no caso da Argélia. Depois até quanto os italianos, no caso da Líbia lá início do século XX, há uma proposta de se apropriar desse passado e ver, inclusive, os monumentos como título de propriedade dos franceses e dos italianos.

Massimiliano Munzi, um historiador que procurou a fazer a história da pesquisa no caso da Líbia, tem um dos livros que se chama *L'epica del ritorno*,² e a

² Massimiliano Munzi. *L'epica del ritorno: archeologia e politica nella Tripolitania italiana*. Roma: L'Erma Bretschneider, 2001.

capa dele é muito significativa, ela apresenta um marinheiro italiano que desembarca numa praia onde tem esqueleto de um soldado romano. E ele pega espada e a legenda diz: “a Itália levanta a espada da Antiga Roma”. É um interesse pelo Norte da África como parte de um projeto que era visto de uma maneira passiva. Como eram vistos, nesse contexto, os habitantes do Norte da África: como perpétuos rebeldes ou como receptores passivos de uma cultura que vem de fora.

Há uma resistência a isso, no segundo pós-guerra, e com a independência dessa região, que foi como tentativa de afirmação das características específicas dessas populações. E, portanto, de oposição a uma visão desse efeito de alguém que vem de fora, especialmente do contexto da história romana, da romanização; afirmando, ao contrário, a resistência cultural, não só militar, mas cultural desses povos frente à conquista romana. Mas é uma inversão dos polos, porque você continua aí opondo os lados: o dos romanos e o dos outros, os nativos; e, ao invés de dizer que eles são passivos, eles resistem. Parece que só mais recentemente há uma tentativa de ir além dessas polaridades e pensar a partir das dinâmicas próprias do Norte da África, o modo como essas populações podem se recriar também em um contexto diverso – antes e depois da conquista.

Parece-me importante também ressaltar que, ao contrário da imagem projetada, inclusive por esta primeira pesquisa no contexto da colonização, que dizia “a África está separada do norte e do restante da Europa por conta da islamição”, então se projetava uma separação; na Antiguidade, se é verdade que podemos ver uma característica específica do Norte da África, ela nunca esteve isolada. Há uma conexão constante. É impossível pensar o Norte da África sem o Mediterrâneo. E, mais recentemente, parece-me também, pesquisas cada vez mais, revelam os contatos do Norte África também com a África Subsaariana. Então, longe do isolamento. Você falou da relação do Oriente, mas também nesse sentido Norte e Sul, há uma relação constante do Norte da África com o Mediterrâneo e uma relação do Norte da África com a África Subsaariana.

A observação disso só se tornou possível porque, mais recentemente, o interesse deixou de ser só sobre a África Romana. Pesquisas, por exemplo, feitas como nos vales de Fezã, na Líbia, estudando populações como os garamantes que estavam fora do domínio romano, permitiram ter uma compreensão mais ampla de populações do Norte da África que estão em interação tanto com os romanos quanto com o Sul do Saara. Inclusive, com a descoberta de fragmentos de cerâmica e de outros objetos romanos até o Mali. Isso mostra a existência de um comércio: a maior parte dos fragmentos estando em torno da população dos garamantes e, depois, em menor concentração na região do Saara, indicando que havia uma cadeia que ia dos garamantes até os romanos.

E, por outro lado, eles tinham um tipo de troca residual com esses outros povos: com toda certeza, era uma das fontes de provimento de escravos do Império Romano. Então, isso indica que a África é impensável também sem o contato. Eu penso que, para entender o contato, a dinâmica do estudo e como ele se constituiu, mas também entender a própria História do Norte da África, é importante levar em conta esses contatos. Nesse sentido, eu estou de acordo com o que a Cristina disse antes, acho que é neste sentido que se deve ver a História do Norte da África.

Heródoto: Ainda desenvolvendo um pouco isso, eu gostaria que vocês falassem um pouco desses centros de estudos e dos principais estudos sobre essa região integrada ao Mediterrâneo e às dinâmicas da História Antiga. Vocês já falaram alguns nomes e eu queria saber se existem grandes projetos e quem são os especialistas mais renomados.

Kormikiari: Tem o Centre Camille Jullian da Université de Marseille, localizada em Aix-en-Provence, que é um local seminal para esse período mais recuado. É interessante, porque os fenícios parecem o recheio do sanduíche que, conforme você vai mordendo, o recheio sai. Fica uma camada do pão, Roma, e, depois, “ah, vamos retomar os autóctones” e essas relações. E, com isso, esquece-se de que são mil anos de contato. Mil anos!

Há histórias nas fontes textuais falando que os fenícios já estavam cruzando o Mediterrâneo em 1200-1100 a.C., e houve, inicialmente, toda uma negação disso com a Arqueologia. Mas, nas últimas décadas, a Arqueologia está cada vez mais tratando da cronologia dos primeiros assentamentos, das primeiras colônias fenícias nesse Mediterrâneo ocidental e norte-africano. As datações para Cartago, hoje, já chegaram tranquilamente ao século IX – o que bateria com a informação da fonte textual para a fundação de Cartago. E datações recuadas também estão sendo estabelecidas em outros sítios do ocidente mediterrânico. Então, a gente pode tranquilamente falar em torno de 800-900 anos de contato, de presença, de mistura populacional e cultural, oriental, fenícia com essas populações indígenas quando da chegada dos romanos. Porque mesmo destruindo Cartago em 146 a.C., os romanos, inicialmente, ficaram pouco tempo no Norte da África: foram lá, destruíram, acabaram com tudo e foram embora. Será todo um processo, posterior, de ocupação romana.

Falando de grandes estudiosos, toda uma geração de franceses – tanto nascidos durante o período do protetorado, ou filhos deles, ou mesmo franceses do continente europeu que trabalharam com essa temática, que se voltaram para estudar o Norte da África, há nomes que você não pode evitar de passar por eles: o Gabriel Camps é o maior nome de todos. É interessante, se você retoma

esses artigos que sistematizam bibliografia e as pesquisas realizadas na área, o nome dele continua aparecendo. Ele já faleceu, é o fundador do Centre Camille Jullian; o Jean-Marie Lassère, que tem um estudo fantástico sobre a questão da população, do povoamento do Norte da África. Então, é muito interessante, porque se percebe que se há toda uma geração de franceses estudiosos dos povos indígenas, uma geração situada no sul da França e depois em Paris, onde há importantes centros de estudos berberes. Você tem estudos sobre Roma, que são muito mais amplos, e inclui o Mattingly, Shaw, Whittaker,³ nomes importantes de universidades da Inglaterra e Estados Unidos – como Stanford, que é muito ativa.

E há toda a camada fenícia e cartaginesa, e isso é uma crítica: até os próprios estudiosos dos fenícios fazem seus estudos à parte. Eu passei meu mestrado inteiro e estudei circulação monetária cartaginesa. Quando entrei no doutorado, na parte dos indígenas, foi um aprendizado novo, porque a minha bibliografia é muito fortemente italiana: a escola italiana que trabalha com os fenícios e com os púnicos é extremamente forte: Sabatino Moscati, Bartoloni,⁴ são nomes seminais. Temos o instituto para o estudo da civilização fenício-púnica que hoje está dentro de um instituto muito maior de estudos da civilização do Mediterrâneo, que foi fundado pelo Moscati, que é essencial para quem quer estudar o tema. A Universidade de Bologna, na Itália, que é muito ativa e mesmo na Sapienza.⁵ Enfim, é uma coisa à parte. Ou seja, eu tive que fazer todo o percurso e ir atrás desses franceses.

Com isso, eu gostaria de lembrar que a nossa universidade, a Universidade de São Paulo tem, na nossa biblioteca, uma coleção inteirinha sobre o Norte da África, com todos esses primeiros textos fundadores da pesquisa na nossa contemporaneidade, que é a coleção do Eurípedes Simões de Paula, que tem a sua tese de cátedra,⁶ absolutamente inovadora para a época, onde ele estudou as relações do Marrocos com a Península Ibérica, as relações transatlânticas e mediterrânicas de troca, em um período que nem se pensava nisso aqui no Brasil. Ele doou sua biblioteca para o Departamento de História. Lembro até hoje onde ficavam as estantes, que foi onde eu fui “beber”, foi onde eu descobri o que tinha e então eu me achei. Hoje em dia é muito mais fácil, os alunos fazem tudo pela internet e lá eles conseguem tudo.

³ Charles Richard Whittaker.

⁴ Piero Bartoloni.

⁵ Sapienza Università di Roma.

⁶ *Marrocos e suas relações com a Ibéria na Antiguidade*. Tese para o concurso à cadeira de História da Civilização Antiga e Medieval da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo. São Paulo: Industria Grafica José Magalhães, 1946.

Para resumir, para o mundo fenício e púnico se percebe, quando se olha a lista dos trabalhos que são apresentados nos congressos de estudos fenícios e púnicos, uma inserção cada vez maior de estudos sobre os indígenas. Mesmo assim, ainda falta o relacionamento, uma visão mais integrada que, modestia à parte, tentei fazer no meu pós-doutorado. Mas, de uma maneira geral, na academia, é interessante ter essa ligação que o Júlio mencionou: tentar entender a relação dos indígenas com o império romano, de não subserviência nem também de uma resistência absoluta.

Oliveira: Gostaria de retomar a questão que a Cristina disse da importância dos fenícios. É bom lembrar que quando falamos dos habitantes do Norte da África, essa influência dos fenícios vai persistir até a Antiguidade Tardia. Os camponeses em torno da paróquia de Agostinho falavam púnico, não falavam o líbico ou berbere, falavam púnico! Ele tinha que mandar um padre que falasse a língua, porque eles não conheciam o latim. Então, essa influência, de fato vai ser muito mais persistente, algo que realmente foi uma grande mistura ao longo dessa história.

No que se refere à minha área de estudos, primeiro o Centre Camille Jullian também é importante para a Antiguidade Tardia, devido à influência formada por Paul-Albert Février, que foi um arqueólogo importante que estudou o Norte da África especialmente na Antiguidade Tardia. Ele já é falecido há bastante tempo, mas continua sendo uma referência para o Norte da África. Há vários estudiosos importantes ali, como o Michel Bonifay, que trabalha com a cerâmica tardia, mas especialmente se volta para o Norte da África.

Na França, não posso deixar de mencionar meu próprio orientador, Claude Lepelley, também já falecido, que foi um marco para repensar as cidades no Norte da África na Antiguidade Tardia. Sua tese, publicada em 1979, *Les cités de l'Afrique romaine au Bas-Empire*, as cidades da África romana no que na época se chamava de Baixo Império, hoje Império Tardio, foi fundamental para repensar as cidades para além da ideia de decadência. Mais recentemente, também já falecido, mas essa é uma perda precoce, Yves Moderán, da Universidade de Caen, que foi também orientando de Claude Lepelley, e tem um trabalho importantíssimo sobre o Norte da África, justamente dos mouros, no período da posse, do século V e VI, os mouros e a África, que são bem pouco estudados e é um trabalho importante.

Esses estudiosos desaparecidos, Paul-Albert Février, Claude Lepelley, Yves Moderán, não deixaram seguidores à altura, digamos assim. Não há pesquisadores desse porte, mesmo na França atual. Mas, tanto Paris quanto Aix-en-Provence e Marseille, são centros importantes. A Itália também tem estudos importantes, há o Massimiliano Munzi, que também é arqueólogo. Mas há

um colóquio que é realizado periodicamente na Universidade de Sassari, *L'Africa Romana*, que publica coleções imensas que reúnem comunicações de vários lugares do mundo.

Kormikiari: Temos ela inteirinha na biblioteca do MAE, se quiserem consultar.

Oliveira: É importante também citar estudiosos da Inglaterra e dos Estados Unidos, como o David Mattingly, Bruce Hitchner, que são arqueólogos importantes ali. Mais recentemente, há um interesse pela África vândala, bizantina e até o período árabe, eu citaria Corisande Fenwick, que tem um trabalho muito interessante sobre essa passagem da África bizantina para a África árabe, que é pouco estudada. Há um recorte disciplinar que rompeu, e este às vezes é reificado como uma ruptura histórica, simplesmente nós conhecemos pouco essa passagem e há trabalhos também nesse sentido.

Eu não poderia deixar de comentar a importância dos próprios africanos: a Universidade de Túnis, o *Institut National du Patrimoine* de Túnis, tem vários pesquisadores importantes que se dedicam ao estudo do Norte da África. Também, o Mohamed Benabès é um exemplo do Instituto que estuda essa passagem da África bizantina para a África árabe, com a vantagem de conhecer tanto as fontes gregas e latinas quanto as árabes; Meriem Sebaï e Leïla Ladjimi Sebaï são tunisianas – a Meriem Sebaï é professora na Sorbonne atualmente, mas é uma tunisiana –, e têm vários trabalhos importantes da Tunísia.

No que se refere à Argélia e também à Líbia atualmente, a situação é um pouco mais complicada. A Argélia teve uma ruptura da colaboração com os países europeus, desde da Guerra Civil na década de 1990, e ainda não se recuperou completamente; e, atualmente, também na Líbia, há interrupção dos trabalhos.

Poderia citar mais uma arqueóloga importante, a Elizabeth Fentress, que vive em Roma e está ligada à American Academy, e tem conduzido vários trabalhos de escavação no Norte de África. Escavou em Volubilis, mais recentemente em Útica, têm vários trabalhos importantes, inclusive com o David Mattingly e o Bruce Hitchner e tem feito vários trabalhos em sítios africanos do período vândalo e bizantino.

Kormikiari: Há uma retomada. Existem algumas equipes interdisciplinares e multinacionais. Justamente, o pessoal da Sardenha, mais os tunisianos do Instituto Nacional do Patrimônio da Tunísia. Então, é possível fazer algumas parcerias muito interessantes. Eles estão retomando escavações em Hadrumeto, em Útica; e chegando a níveis de interesse mais recuado, porque o grande empecilho para a Arqueologia no Norte da África, de maneira geral (na verdade, uma coisa boa que se torna um empecilho), é a excelente conservação das camadas romanas. Nós temos cidades inteiras, temos o segundo coliseu

melhor preservado de todo o mundo romano, que é o coliseu de El Djem (só perde para o próprio coliseu em Roma).

Há um parque arqueológico com cronologia romana que é base para o turismo; mas tem uma crítica muito interessante de um argelino, que foi um diretor na UNESCO, do Comitê de Conservação do Patrimônio, Mounir Bouchenaki, que escreveu muito sobre a questão do patrimônio e da preservação, falando que é terrível você, andando pelas estradas da Argélia, ver as placas “ruínas romanas” quando, na verdade, são ruínas indígenas, fenícias e cartaginesas. Tem um importantíssimo arqueólogo, já falecido, André Jodin que trabalhou muito e foi um dos primeiros escavadores de Volubilis, no Marrocos. O grande livro dele sobre Volubilis, o grande volume;⁷ até hoje, desde os anos 1970, acredito que continua certo nas suas palavras. Você não encontra nenhuma implantação romana em terreno virgem, em terreno novo.

Retomando a sua questão sobre as especificidades do Norte da África, eu acho que uma questão seminal é entender porque vimos observando o mundo antigo sob um olhar europeu. Seja a História ou mesmo a Arqueologia, a historiografia ocidental está se livrando de um conjunto de amarras, e uma dessas amarras é a ideia da progressão, da evolução, do desenvolvimento do que é uma sociedade, uma civilização, a ideia da cidade. Eu mencionei que nosso laboratório tem o termo cidade ali, mas ficou só um nome, porque a gente, na verdade, está estudando cada vez mais esse todo e percebendo que cidade é um elemento, uma forma de organização específica de grupos que, de maneira alguma, tem de ser colocada em algum tipo de escala de progressão.

Isso é um problema sério no Norte da África, que é justamente a negação de uma civilização, de uma civilidade, de uma complexidade dos grupos indígenas, porque eles não se colocam em cidades; mas Jodin fala que, hoje, você não encontra nenhum sítio romano em terreno virgem. Ou seja, essas camadas populacionais estrangeiras que vão chegar ao Norte da África, vão chegar a um local onde você tem grupos humanos ali estabelecidos e extremamente bem solucionados em relação ao seu modo de vida, em relação à adaptação, ao meio ambiente que é a geografia norte africana e o meio ambiente norte africano.

Essa é uma questão à parte, uma questão que deve ser estudada com muita cautela. É interessante que, se a gente observa a historiografia europeia, ela mantém as terminologias árabes para os acidentes geográficos norte-africanos, porque a terminologia árabe dá melhor conta do sentido e do significado

⁷ André Jodin. *Volubilis Regia Iubae: contribution à l'étude des civilisations du Maroc antique préclaudien*. Paris: Diffusion de Boccard, 1987.

daquele acidente geográfico do que um termo europeu. Então, o rio norte-africano não é um rio com a ideia da geografia tradicional (de um rio perene, navegável, que conduz vida); é um *oued*, porque ele seca e de repente inunda, e se você está à margem, você morre afogado. Tanto que os romanos, depois de uma série de percalços, vão instituir uma normatização militar: “Não se pode acampar à beira de um *oued*”.

Ou seja, a gente imagina o perecer do rio. Você tem toda uma questão climática, geográfica, do meio ambiente mesmo que as populações ali já estavam extremamente bem resolvidas com isso. São questões que não são levadas em consideração nessa procura pela cidade (“deixa eu achar a civilização, deixa eu entender uma sociedade a partir dos moldes da organização dos gregos e dos romanos”). E isso é uma falácia, é um local que vai te levar a uma reprodução de estereótipos e não a estudar de fato aquela população.

Oliveira: Só para complementar, é importante essa observação de como a cidade romana marcou os estudos do norte da África. A mudança em relação a isso, ela só começa a ocorrer à partir dos anos 1970, e o grande marco, na Arqueologia Urbana, em primeiro lugar, pensando na longa duração, foi a campanha de escavação de Cartago: “o salvamento de Cartago”. Uma campanha movida pela UNESCO e que serviu como um verdadeiro laboratório, com várias equipes tunisianas, francesas, inglesas, americanas, canadenses, polonesas e dinamarquesas; havia o mundo inteiro em vários canteiros. E nessas escavações, parte-se desde o nível púnico até a antiguidade tardia. Então, não só o período clássico da *Colonia Iulia Carthago*, fundada no período de Augusto em diante, mas da cidade púnica até o período tardio.

Essa é uma mudança, porque deixou-se de estudar a cidade, como eram as escavações anteriores, procurando a cidade do período que se imaginava o apogeu do império. Mas, há uma mudança mais recente, que parece ir na direção que você (professora Maria Cristina) disse, que é um interesse para além da cidade, que começa só nos anos 1980 com as primeiras prospecções do campo nos vales líbicos, por exemplo, o que permitiu estudar, para além da cidade, a ocupação do campo. E acho que, mais recentemente, esses estudos no entorno dos garamantes no Fezzan mostram um interesse que se expande não só para além da cidade, mas também para além do campo ocupado pelos romanos, para além das fronteiras do império.

Embora haja uma persistência no interesse de produzir monumentos para o turista na Arqueologia tunisiana e argelina (há interesse mesmo dos governos atuais, em manter esses monumentos como atrativo pro turismo); mas acho que tem uma pesquisa, sempre colaborativa, com vários países envolvidos, para além da cidade romana, no nível da longa duração (a maior parte desses

projetos recentes procuram ver uma longa duração), mas também para além da cidade, para o campo e para além das fronteiras do império.

Kormikiari: O *Libyan Valleys Survey* eu acho muito interessante porque, às vezes, a gente vê que nos interesses da academia, as pessoas fecham os olhos para as questões políticas. Ele foi, na verdade, encomendado pelo Muammar al-Gaddafi junto à ONU.⁸ Qual era o interesse dele? Ele olhava para a faixa desértica da Líbia e via um conjunto de vestígios arquitetônicos demonstrando que, num passado, aquele local hoje despovoado: “na Antiguidade não era assim”. Então, o interesse dele era entender o que tinha acontecido na Antiguidade; haveria outras práticas que permitiriam o aproveitamento daquela localidade? Mudou o clima? Desertificou? A questão do clima também é muito interessante.

De uma maneira geral, a questão da Geografia ainda é pouco aproveitada nos estudos. Vários estudos pontuais têm demonstrado que o clima não mudou. Então, há faixas de ocupação na Antiguidade que hoje não existem por desistências de se manter um modo de vida ou técnicas de melhor aproveitamento do meio ambiente e não porque o clima mudou e as pessoas foram obrigadas a sair dali. No *Libyan Valleys*, o interesse dele era esse. E aí, justamente, os ingleses, com uma equipe forte, aceitaram no meio daquela crise relacionada à queda do avião britânico,⁹ do Gaddafi, e aquilo não foi empecilho, acho muito interessante isso.

Apesar de todos os embargos políticos que o governo britânico estava exercendo com relação ao governo líbio, eles aceitaram a empreitada, e foram lá pesquisar, e demonstraram que, de fato, que havia toda uma tecnologia de aproveitamento das águas subterrâneas (porque nessa região da Líbia a água não está tão profunda, há locais que estão, mas você tem os lençóis freáticos bem próximos à superfície), todo um trabalho de hidráulica, de canalização. Então eles fizeram um *survey* magnífico ali. É um projeto extremamente bem desenvolvido, demonstrando que o que houve foi uma desistência de manutenção de práticas e não uma mudança climática.

Heródoto: Eu gostaria de colocar uma última questão sobre como esse tema é bastante ativo atualmente. Eu não sou especialista em História da África, mas tenho que lidar com essas questões, como docente. Em sala de aula eu trabalhei muito, por exemplo, com o lugar do Egito: porque há toda uma integração do Egito durante muito tempo ao Antigo Oriente Próximo, e inclusive uma integração ambiental, porque ele vira parte do Crescente Fértil, ao longo

⁸ Projeto iniciado sob a chancela da Unesco em 1989.

⁹ Trata-se do atentado de Lockerbie de 1988.

do século XX. E, depois disso, uma rediscussão sobre se o Egito fica no Oriente, e isso aparece nos ativismos: “o Egito é África”. E há toda a questão dos faraós negros... Então, essas são questões muito atuais.

Eu gostaria de saber, pensando aqui no Brasil, nessa obrigatoriedade de temas relacionados à História da África nas bases curriculares, como é que essas reflexões sobre o Norte da África, integradas às dinâmicas da História Antiga, podem contribuir para se pensar essa África? Porque, geralmente, essa África que aparece é outra, tentando compreender outras questões, e, portanto, é uma última reflexão para se pensar um pouco como esses conteúdos podem contribuir para pensar na África aqui no Brasil.

Kormikiari: A professora Regina Bustamante, da Universidade Federal do Rio de Janeiro, trabalha muito esse tema. Ela vem tentando desenvolver e trabalhar bastante essa questão: incorporar o Norte da África aos estudos africanos dentro da legislação das diretrizes e bases do ensino. Porque acabou ficando mesmo essa questão Subsaariana, e bem mais avançada no tempo, no período Colonial. E aí o Norte da África fica meio perdido, num limbo. Bem ou mal, nos Estudos Clássicos ainda não pode entrar, devido à Grécia e Roma. A gente ainda sofre um pouco com essa marginalização. E nos Estudos Africanos, ela entra, mas também não de uma maneira muito acentuada.

Há um conjunto de populações que não são necessariamente só negras: é uma sociedade multiétnica, na verdade. Mas há tentativas de trabalhos amplos. Gostaria de lembrar o nome da professora Regina Bustamante, porque ela tem tentado bastante incorporar isso. Fui com ela em algumas ANPUH's¹⁰ apresentar as nossas pesquisas para mostrar que se pode ir além. Mas essa questão do Egito, que você falou, é interessante porque, na Arqueologia, tem uma historiografia também, né? É um campo à parte.

E eu dou esse curso de graduação há algum tempo na USP (“O Norte da África na Antiguidade”) e sempre aparecem alguns alunos querendo Egito. E aí eu falo: “- Olha, não vai dar para a gente ver o Egito, porque o Egito...”. Sendo que eles estavam conectados, sejam os púnicos, os cartagineses, as próprias populações indígenas geograficamente ao lado do Egito; mas, mesmo depois, o Aníbal vai ter todo um conjunto de conexões com Ptolomeu. Você tem uma conexão forte, mas os campos de estudo mesmo assim continuam separados.

Heródoto: Eu, por exemplo, trabalhando isso com os alunos, peguei a Introdução de um compêndio sobre Antigo Oriente Próximo e um dos pontos

¹⁰ Associação Nacional de Professores Universitários de História.

discutidos era: o Egito faz parte? E eles discutindo, argumentando, a ausência do Egito nas reflexões das contribuições sobre Antigo Oriente Próximo, mas é alguma coisa que realmente está sendo pensada, e aí você vê que o espaço, ele muda.

Kormikiari: Aí, se você estuda a Fenícia, faz parte, totalmente. Você tem ali, desde 3.000 a.C., Biblos já formada. A gente não pode falar ainda de Fenícia nem fenícios: são cananeus, semitas. As relações com o Egito são fortíssimas, e assim vão permanecer. O Egito é essa conexão. Por onde eles passaram? Nessas idas e vindas, é claro que, depois, o processo se dá por navegação, mesmo porque, passando ali pelo Egito, você tem um dos desertos mais terríveis do mundo, que é o deserto líbico. Eu acho impossível dizer que não faz parte. Pode não fazer parte da historiografia sobre o tema, então isso deve ser incorporado.

Oliveira: Acho que um pouco depende das dinâmicas acadêmicas muito mais do que do contexto. As especializações, em parte, derivadas desde o século XIX da Filologia. É importante lembrar que a disciplina História, especialmente, mas também a Arqueologia e outras disciplinas, derivam da Filologia de certo modo. A Filologia é a primeira disciplina como tal a se constituir na moderna universidade; na Alemanha, em primeiro lugar, quando se constitui um conhecimento a partir de ramos. E, a partir da Filologia, surge a História Antiga, por exemplo, como Filologia Clássica. Isso tem impacto porque você define o seu campo de estudos a partir de um corpus textual e de uma especialização linguística.

Então você tem um predomínio do Grego e do Latim, e no que se refere ao estudo do Egito e do mundo do Antigo Oriente Próximo, também é uma especialização linguística. Você precisava dominar o hieróglifo, ou o cuneiforme, com as línguas acadianas e sumérias. Isso cria uma separação acadêmica. E o problema disso é essa hiper-especialização. Há questões políticas também nessa separação, mas acho que a própria dinâmica acadêmica acabou separando, e mais recentemente há uma tentativa de romper com essas barreiras, de observar como há muito mais integração, contatos, do que essas fronteiras estabeleceram, fronteiras acadêmicas.

Kormikiari: Sobre isso, eu me lembro de um dado muito interessante, que também é uma especificidade do Norte da África: ser o campo dos epigrafistas. São mais de 60 mil inscrições. A imensa maioria do período romano. Então, isso também acabou levando a um desvio, vamos dizer assim. Há uma concentração nos estudos, a formação de grandes epigrafistas se dá nesse campo. Mas isso acaba retirando a energia e a atenção de um olhar mais amplo.

Oliveira: Acho que isso foi muito bem lembrado, a importância da Epigrafia no estudo do Norte da África, com toda a certeza. Mas eu precisaria só retomar

a sua questão, do lugar da África do Norte no estudo da História da África. Acho curiosa essa exclusão da África no Norte, no estudo de quem se interessa pela África. Uma vez que o próprio nome “África” deriva dessa África do Norte. São os romanos que dão um nome a essa África a partir de uma tribo, dos *afri*, que se encontravam próximo de Cartago, para fazer até a separação dos púnicos, depois da conquista. Quando eles conquistam o território de Cartago, dão o nome a essa província que eles conquistam de “África”. Por extensão, vai designar todas as províncias do Norte da África (no período que eu estudo, ela é mesmo uma “diocese”, ou seja, um conjunto de províncias, que é chamado de “África”) e depois vai designar todo um continente.

Então isso já é uma razão pela qual não se deveria excluir essa história do estudo da História da África como um todo. Mas acho também pela própria importância de toda essa história secular, da riqueza dessa história, que faz lembrar de uma riqueza que é africana, não é só uma influência que vem de fora, mas do que é feito ali, do que é produzido, propriamente nesse Norte da África. Eu disse, por exemplo, a importância do cristianismo africano. O que é produzido no Norte da África é o que vai influenciar o cristianismo latino, não foi desenvolvido na Itália. Ele tem um desenvolvimento autóctone, tem particularidades do cristianismo desenvolvido no Norte da África que vão influenciar a história do Mediterrâneo como um todo. Então, o próprio fato da riqueza dessa história merece que se considere também na história de um continente.

E, por último, mencionei ainda há pouco tempo, o quanto os estudos recentes têm levado a perceber que há contatos também com a África Subsaariana. Pelo menos desde o século primeiro da nossa era (supunha-se até recentemente que isso seria um desenvolvimento medieval, e não da Antiguidade, com o desenvolvimento das rotas caravaneiras), mas hoje se vê que isso já existe na própria Antiguidade, e ajuda a entender a própria natureza desse mundo Mediterrâneo. Isso ajuda a entender o porquê, por exemplo, num cemitério romano em Londres, 24% dos esqueletos provavelmente tem origem subsaariana. Como eles chegaram lá se não por intermédio desse Norte da África? E isso ajuda a pensar o próprio mundo romano de uma maneira muito diversa de como nós pensamos, como um mundo multiétnico e de extremo contato. Nesse estudo, o Norte da África é fundamental, e ele está intimamente ligado com a história desse continente. Então acho importante não só repensar o lugar da África no estudo da História Antiga, dessas conexões da História Antiga, mas também o estudo da África do Norte num estudo mais amplo do próprio continente africano.

Heródoto: Muito obrigado, professor Júlio César, professora Maria Cristina e encerramos aqui.